

miriamleitao@oglobo.com.br

MÍRIAM LEITÃO



Dinheiro público é gasto em canais de desvio cada vez mais caros na suposição de que eles podem irrigar as urnas no curto prazo.

Não basta um dia

É o tema que decidirá nosso futuro no planeta, mas merece apenas um dia de lembrança, e vamos todos adiante, displicentes. Estamos vivendo um ano esquisito, em que a falta de água deveria ser o centro de um debate profundo, mas entrou apenas nas trocas de acusações da briga eleitoral. O Dia do Meio Ambiente passou tão rápido que nem permitiu uma discussão sobre o permanente.

O Brasil tem um dos maiores estoques de água doce do mundo. Quando se olha no mapa da distribuição global do risco hídrico, o país tem as cores de menor risco. No entanto, nossa maior cidade usa o volume morto de uma reserva, e o setor elétrico treme de medo de faltar água nos reservatórios das usinas.

O governo federal aponta o dedo para o governador de São Paulo, acusando-o de falta de planejamento, que levou à crise de abastecimento; a oposição aponta o dedo para a presidente por erros de administração que levaram à crise energética. Os dois têm razão. Para se defender, ambos culpam São Pedro, que não tem culpa de nada.

Fomos avisados pelos cientistas de que o mundo passará a viver

eventos extremos mais frequentemente; a natureza já deu sinais de que a água não é inesgotável. É o elemento sem o qual a vida não é possível. Nenhuma vida. Por ter importância vital, deveria ser valorizada e defendida, mas é vista como um recurso renovável que só por capricho de uma entidade celeste está em falta, no momento.

Ainda recentemente, o Brasil fez uma lei para reduzir a proteção às margens dos rios. Tem adiado a aplicação da pouca coisa boa dessa legislação desatualizada. É claro que estamos no tempo que deveria ser ampliada a margem de cobertura vegetal na beira dos rios.

O mais importante curso de água do Brasil deveria ser bem tratado desde a sua nascente em Minas e por todo o seu caminho através do Nordeste, a região mais árida do país. Mas gasta-se dinheiro volumoso numa obra para transpor o que corre o risco de secar.

A lógica seria protegê-lo do desmatamento das margens, do assoreamento, dos esgotos, do uso perdulário para entregar o Velho Chico caudaloso e vivo às futuras gerações. Mas o dinheiro público é gasto em canais de desvio cada vez mais caros na suposição de que eles podem irrigar as urnas no curto prazo.

Da Mata Atlântica, restam fragmentos que somados dão percentual de apenas um dígito, para usar medida econômica. Mesmo assim,

Os pontos-chave

1

Um dia apenas é um tempo efêmero para discutir a importância do Meio Ambiente

2

Mundo enfrentará cada vez mais eventos extremos e Brasil já sente efeitos da falta de chuvas

3

Revista "Science" comparou desmatamento com o auge, mas, no ano passado, houve alta

o desmatamento aumentou em 9%. Que delirante insensatez pode permitir a supressão de cobertura florestal no bioma no qual vive a maioria dos brasileiros? Essa mata remanescente, que agoniza após cinco séculos de ataques, garantirá a vida dos rios e o clima mais ameno no tempo que está por vir.

A Amazônia enfrenta nos últimos anos um retrocesso. O governo decidiu reduzir o território de áreas protegidas dando uma espécie de licença para matar. Não admira que no ano passado tenha havido um aumento do ritmo do desmatamento, após anos de queda. A revista "Science" publicou elogios ao Brasil pela queda do desmatamento em 2013. O problema é que comparou com a média dos anos de 1996 a 2005, quando houve o auge do desmatamento. Depois disso, o país derrubou mesmo a taxa de desmate anual. Mas, no ano passado, subiu.

Mesmo se cair em 2014, não será suficiente. Já foram arrombadas as cercas de áreas de conservação, já foi aprovada a lei que anistia quem desmatou ilegalmente, já se fortaleceu o princípio da impunidade nos crimes ambientais. Retrocedemos onde estamos obrigados a avançar sempre. Um dia apenas não basta para os alertas sobre os riscos que corremos. Para o meio ambiente, todo dia é dia, toda hora é hora.

PREÇOS AO CONSUMIDOR

Vitória: inflação entre as mais baixas

ÍPCa de janeiro a maio mostrou que índice na Capital teve a 2ª menor variação do país

▄ FERNANDA ZANDONADI
fzandonadi@redgazeta.com.br

A inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (ÍPCa) de janeiro a maio deste ano, em Vitória, foi de 2,67%, a segunda menor variação no país entre as 13 regiões pesquisadas. Apenas Brasília apresentou um índice menor, de 2,28%. Os números na Capital também estão inferiores à média nacional no período, que é de 3,33%.

Os indicadores foram puxados para baixo, principalmente, pelos transportes, cuja alta foi a menor na cesta pesquisada: 0,44%. No outro lado, a educação foi o que mais pesou no bol-



Carros em avenida da Capital: item "transportes" teve a menor alta, de 0,44%

so no período. A categoria educação teve alta de 7,54%, impulsionada principalmente por cursos regulares (+9,31%), cursos diversos (+7,65%) e itens

de papelaria (+6,83%) A alta na Capital foi puxada também pela categoria de alimentos, com aumento de 5,75%. Destaque para tubérculos, raí-

zes e legumes (+41,66%) e hortaliças e verduras, alta de 29,94%.

Na categoria habitação, quase todos os subitens tiveram alta (aluguel, repa-

ros, artigos de limpeza e combustíveis domésticos, apenas energia elétrica ficou com variação negativa (-2,17%).

NO MÊS

A inflação do mês de maio, em Vitória, de 0,31%, também ficou abaixo da média nacional, de 0,46%. Os números de maio foram puxados para baixo principalmente pelos artigos de residência, com alta de 1,27%. Nessa categoria enquadram-se os eletrodomésticos e equipamentos (+3,66), a maior alta entre todos os itens pesquisados, e TV, som e informática (+0,99).

Vestuário, o segundo grupo que mais subiu (alta de 0,75%), foi puxado pelas roupas femininas, que aumentaram 3,01% no

mês. Na outra ponta, os transportes apresentaram baixa de 0,31%.

A pesquisa não traz os índices dos últimos 12 meses em Vitória, já que a pesquisa teve início, por aqui, em janeiro deste ano.

PAÍS

Os grupos que registraram as altas mais intensas em maio, no país, foram artigos de residência (1,03%) e saúde e cuidados pessoais (0,98%). No caso dos artigos de residência, a principal influência veio dos eletrodomésticos, que subiram 2,12% em maio.

No grupo saúde, os remédios avançaram 1,47% no mês passado, ainda refletindo parcela complementar do reajuste autorizado em março. (Com agências)

FÁBIO VICENTINI - 05/06/2006